

LIRE 2.0: Promoção da leitura e TIC

António Pais¹; Henrique Gil²; Margarida Morgado³

¹Instituto Politécnico de Castelo Branco (PORTUGAL), antoniopais@ipcb.pt

²Instituto Politécnico de Castelo Branco (PORTUGAL), h Teixeiragil@ipcb.pt

³Instituto Politécnico de Castelo Branco (PORTUGAL), marg.morgado@ipcb.pt

Resumo

Os resultados apresentados no âmbito do PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Alunos) vieram mostrar que cerca de 20% dos adultos não possuem competências associadas às literacias de leitura que têm como principal consequência uma deficiente inclusão social. Neste contexto é ainda estimado que cerca de 73 milhões de europeus não possuem qualificações para além do ensino secundário, as quais podem ser o resultado da inexistência de níveis mais elevados de literacia. Mas esta preocupação é acentuada pelo facto de relatórios da OCDE terem vindo a demonstrar que os jovens de 15 anos possuem níveis elementares de competências de leitura o que os irá penalizar na progressão dos seus estudos. Apesar de terem vindo a ser feitos esforços para inverter esta realidade, os resultados têm sido escassos. Neste sentido, o Projeto LiRe 2.0 (Lifelong Readers 2.0), financiado pelo programa Erasmus+, tem como principal objetivo promover métodos pedagógicos inovadores que assentem nas TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e, em particular na Web 2.0, a fim de se poderem vir a implementar estratégias de promoção de leitura.

O presente artigo visa a apresentação de uma revisão de literatura acerca das iniciativas e dos projetos nacionais relacionados com a promoção da leitura com recurso à utilização das TIC e da web 2.0, que tem vindo a ser realizada em Portugal. Desta metodologia de levantamento do estado da arte faz também parte a realização de entrevistas em *focus groups* com alunos e professores que se pronunciaram sobre os seus hábitos de leitura e a sua relação com as TIC neste contexto. A comunicação releva alguns dos projetos e práticas de sucesso no âmbito da promoção da leitura com recurso às TIC e propõe abordagens à integração da web 2.0 que levem a um incremento da leitura por parte dos jovens e dos adultos.

Palavras-chave: Literacia de leitura; Leitura digital; TIC; Web 2.0;

Abstract

PISA results show that 20% of all adults do not possess adequate reading skills and are therefore at risk of social exclusion. It is estimated that about 73 million European have not been educated beyond secondary level, which may well be read as a consequence of low literacy levels. This trend is further reinforced by the fact that OECD reports have demonstrated that 15-year-olds possess only basic reading competence, which determines low school progression and low academic achievement. Efforts to contradict this trend have been fruitless so far or yielded only slight positive results. The Erasmus+ co-funded European project LiRe 2.0 (Lifelong Readers 2.0), wishes to respond to this need by creating innovative ICT-based teaching that primarily focuses on Web 2.0 resources, to enhance the reading skills of young people.

This paper offers a state of the art reflection on Reading promotion through ICT and web2.0 in Portugal; insights on the responses yielded through focus groups interviews with students and teachers on reading habits and their rapport to ICT; as well as some projects and practices that have been successful for reading promotion through ICT and web2.0 resources and applications that have enhanced reading among young people.

Keywords: Reading literacy; digital Reading; ICT; Web 2.0;

1 ESTADO DA ARTE: TIC E PROMOÇÃO DA LEITURA EM PORTUGAL

O relatório internacional PISA (Program for International Student Assessment) que se iniciou no ano de 2000 tem vindo, desde essa data, a ser realizado com uma periodicidade trienal tendo já sido efetuados 6 relatórios internacionais, sendo a sua última edição correspondente ao ano de 2015. De entre os vários indicadores que o questionário inclui, tem havido um destaque para a literacia dos alunos em três áreas, em particular: Matemática, Ciências e Leitura. O

PISA inclui 34 países associados à OCDE e cerca de outros 30 países que se distribuem por todas as restantes áreas geográficas mundiais que representam cerca de 80% da economia mundial.

Dado que o foco do projeto LiRe 2.0 é a Leitura, de uma forma resumida, passam-se a apresentar os resultados de Portugal desde o ano de 2000 até ao ano de 2012, respeitantes aos dados já divulgados: 2000: 27º lugar (410 pontos); 2003: 28º lugar (478 pontos); 2006: 31º lugar (472 pontos); 2009: 27º lugar (489 pontos); 2012: 30º lugar (488 pontos). Tendo em consideração o resultado obtido em 2012, a média da *performance* relacionada com a leitura em alunos com 15 anos de idade obteve 488 pontos comparativamente com a média da OCDE que se cifrou em 496 pontos. Em termos gerais, Portugal incrementou a sua pontuação nas três áreas: Matemática (+2,8); Ciências (+2,5); Leitura (+1,6). De acordo com a OECD (2014), há uma referência destacada para Portugal pelo facto de se ter vindo a verificar desde 2003 até 2012 um aumento generalizado na pontuação obtida através do desempenho que tem vindo a ser realizado pelos alunos.

Num outro âmbito, relacionado com a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em Portugal por crianças entre os 10 e os 15 anos, os dados recolhidos pelo INE (2014) referem que 98% usam o computador, 95% acedem à Internet e 93% usam o telemóvel. Fazendo a conjugação entre a literacia digital associada à leitura, tendo por base os dados da OCDE (2015) que comparam a leitura em formato papel (*print reading*) e a leitura digital (*digital reading*), em ambos os casos, Portugal possui níveis de *performance* abaixo da média da OCDE. Fazendo uma leitura mais objetiva dos resultados é possível verificar-se que os alunos portugueses possuem uma *performance* mais baixa do que era suposto no que diz respeito à leitura em suporte digital, adiantando o relatório da OCDE (2015) que este resultado pode ter uma relação direta com uma baixa *performance* na leitura em suporte papel.

Associando os dados dos vários relatórios PISA, Portugal tem apresentado uma pontuação média do desempenho dos seus alunos situada abaixo da média da OCDE, apesar de se ter vindo a verificar algum incremento generalizado (mas ainda não suficiente) ao nível da *performance* dos alunos portugueses. Por essa razão, o Governo de Portugal tem vindo a tomar medidas e iniciativas que permitam aos alunos portugueses melhorarem os seus níveis de literacia. Foi através do XVII Governo Constitucional que foram promulgados diversos programas nacionais, entre os quais o Programa Nacional de Ensino o Português no 1º Ciclo do Ensino Básico (PNEP) que privilegiou a formação de professores na utilização de metodologias sistemáticas e estratégias explícitas de ensino da língua portuguesa na sala de aula, com o objetivo de melhorar os níveis de compreensão de leitura e de expressão oral (Despacho nº 546/2007, de 11 de janeiro)

Numa outra vertente, associada às TIC, o mesmo XVII Governo Constitucional, através do Despacho nº 143/2008, de 3 de janeiro, criou o Plano Tecnológico da Educação (PTE) com o objetivo principal de colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados em matéria de modernização tecnológica do ensino. Na sequência desta iniciativa, é criado o Programa *e.Escolinha* para alunos matriculados no 1º ao 4º ano do ensino básico e o Programa *e.Escola*, para os alunos matriculados no 5º ao 12º ano. O Despacho nº 20956/2008, de 11 de agosto, veio criar condições para que as famílias pudessem ser apoiadas na aquisição de Computadores e no acesso à banda larga de acordo com os seus rendimentos e dimensão do respetivo agregado familiar. No âmbito do Programa *e.Escolinha* foi distribuído um portátil com acesso à Internet que foi conhecido como «Magalhães», o qual continha um conjunto de *software* educativo relacionado com o currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico. De acordo com dados oficiais, foram distribuídos 414.120 «Magalhães».

Relativamente ao programa *e.Escola* foram criadas condições muito vantajosas para a aquisição de computadores portáteis com ligação á internet, envolvendo uma parceria entre o Governo de Portugal e empresas operadoras de telecomunicação móveis, tendo sido adquiridos 476.041 equipamentos. Esta iniciativa teve uma duração entre 2008 e 2011. Tal como afirmam Pereira e Pereira (2011), o PTE veio triplicar, em 2009, o número de computadores ligados à internet nas escolas, comparativamente com os números de 2005.

O XVIII Governo Constitucional terminou com o PTE tendo criado uma nova iniciativa através do Despacho nº 10252/2015, de 15 de setembro com a designação «Aprender e Inovar com TIC», com a constituição das equipas multidisciplinares da Direção Geral de Educação: Equipa

de Recursos e Tecnologias Educativas (ERTE). A ERTE foi assumida como uma equipa multidisciplinar que tem como principais objetivos:

- a) Propor modalidades que visam a integração nos currículos e nos programas das diferentes disciplinas uma utilização efetiva das TIC de uma forma transversal em todos os níveis de educação e de ensino.
- b) Incentivar e promover investigações acerca da utilização das TIC em contexto educativo, assim como a divulgação desses resultados.
- c) Propor orientações que permitam a conceção, o desenvolvimento, o acompanhamento e avaliação de iniciativas inovadoras e promotoras do sucesso educativo através da inclusão das TIC no processo de ensino e de aprendizagem.
- d) Promover iniciativas que contribuam para a definição de linhas orientadoras de referência associadas à formação inicial, contínua e especializada de educadores e de professores na utilização educativa das TIC.
- e) Assegurar a participação em projetos e instituições internacionais que envolvam o estudo, a promoção, a avaliação e o uso das TIC em contexto educativo.

Sob a responsabilidade da ERTE foram reorganizadas outras iniciativas anteriores já em curso, onde se podem destacar: SeguraNet; eTwinning; Educação para os Media; Programação e Robótica no 1º Ciclo do Ensino Básico; Laboratórios de aprendizagem (ex: EduLabs; Tablets em Educação; salas de aula do Futuro); Ensino a Distância.

Fazendo uma síntese das várias iniciativas e programas nacionais em TIC, o *Quadro 1* apresenta, em termos cronológicos, aquelas que foram mais representativas:

Programa Nacional	Período de atividade	Entidade/Instituição responsável	Níveis de ensino abrangidos
Projecto MINERVA	1985-1994	Ministério da Educação (GEP e DEPGEF)	Todos os níveis de ensino
Programa Nónio-Século XXI	1996-2002	Ministério da Educação	Todos os níveis de ensino
uARTE – Internet nas Escolas	1997-2002	Ministério da Ciência e Tecnologia	Todos os níveis de ensino
Programa Internet@EB1	2002-2005	Ministério da Ciência e Tecnologia; Escolas Superiores de Educação; FCCN	1º Ciclo do Ensino Básico
Projecto CBTIC@EB1	2006-2007	Ministério da Educação (CRIE)	1º Ciclo do Ensino Básico
Iniciativa Escolas, Professores e Computadores Portáteis	2006-2007	Ministério da Educação	Todos os níveis de ensino
Plano Tecnológico da Educação	2007-2011	Ministério da Educação (GEPE)	Todos os níveis de ensino
Internet Segura	2007- .../	UMIC; Ministério da Educação (ERTE/PTE-DGIDC); FCCN; Microsoft	Todos os níveis de ensino
Iniciativas e-Escolinha* e e-Escola**	2008-2011	MOPTC	*1º Ciclo do Ensino Básico ** 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário
Aprender e Inovar com TIC	2010- .../	Ministério da Educação (ERTE-DGIDC)	Todos os níveis de ensino

Quadro 1: Programas iniciativas nacionais relacionadas com a promoção e uso das TIC em contexto educativo, no período compreendido entre 1985-2016. (Adaptado de Pereira & Pereira, 2011).

Como se pode observar pelo *Quadro 1*, Portugal tem vindo a implementar desde 1985 até ao presente, um conjunto de programas e/ou iniciativas nacionais conducentes à promoção, uso das TIC no processo de ensino e de aprendizagem no âmbito da formação inicial e contínua de professores que, na totalidade, já perfaz 30 anos de experiência.

Uma outra nota digna de relevo tem a ver com facto da grande maioria ter envolvido todos os níveis de ensino. Contudo, é também importante referir que algumas destas iniciativas foram dirigidas apenas para os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico (6-10 anos de idade) porque era neste ciclo de ensino onde eram sentidas as maiores lacunas quer no apetrechamento, em termos de computadores, quer na ligação e respetivo acesso à Internet.

Um outro aspeto a realçar é o facto de continuarem ainda em funcionamento duas iniciativas: a «Internet Segura» e «Aprender e Inovar com TIC». A primeira mantém-se por um imperativo relacionado com o contexto criminal onde se tem verificado, com maior gravidade, a existência de questões relacionadas com o *cyberbullying*, com a pedofilia e com o roubo e utilização de dados pessoais e de identidade. A segunda, pelo facto de ter um âmbito muito alargado e com um conjunto de iniciativas e de programas a nível internacional, que já têm um histórico relevante.

Como já enunciado anteriormente, pretende-se, sempre que possível, fazer um acompanhamento e comparação com as iniciativas que privilegiaram a Leitura e, como também já foi referido, o grande marco prende-se com a criação e respetiva implementação do Programa Nacional de Ensino do Português (PNEP) no ano de 2007, 'contemporâneo' do PTE e dos anteriores programas e-Escolinha e e-Escola.

Esta sequência em termos temporais e a simultaneidade entre as iniciativas em TIC e na Leitura, constituíram sinergias que se autoalimentavam e que permitiram uma verdadeira rentabilização dos recursos disponibilizados para os alunos.

No ano de 2008, o Despacho nº 27282/2008, de 14 de novembro, veio dar continuidade ao PNEP, onde se acentua a necessidade de continuar a ter como objetivos fundamentais melhorar os níveis de compreensão da leitura e de expressão oral e escrita dos alunos.

Nesta mesma linha de implementação de iniciativas, o Plano Nacional de Leitura (PNL) já tinha sido criado em 2005 pelo Despacho conjunto nº 1081/2005, de 22 de dezembro, com os objetivos de promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura. Neste particular, o PNL para além da promoção óbvia da leitura, por si só, pretendeu também criar ambientes sociais favoráveis para essas práticas junto de diferentes públicos-alvo, inventariando e valorizando práticas pedagógicas que visavam estimular o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos, em espaços formais e informais.

Neste âmbito deu-se particular relevância à Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) de forma a intensificar o contacto com o livro e a leitura na escola, designadamente nas salas de aula, nas bibliotecas e também em contexto familiar. De acordo com Alçada et al (2006), foram abrangidos 6.500 Jardins-de-infância, envolvendo cerca de 250.000 crianças, 8.000 escolas do ensino básico, que envolveram, por sua vez, 700.000 alunos, e cerca de 1.300 Bibliotecas Escolares. Neste processo foram também contabilizados 15.000 educadores e 70.000 professores. É importante referir que o PNL envolveu todos os níveis de ensino. Num contexto informal, o PNL incluiu todas as instituições ou entidades que pudessem promover a leitura (instituições culturais, recreativas e de solidariedade social), outros espaços não convencionais de leitura (teatros, hospitais, prisões, transportes públicos...) e os meios de comunicação social.

A avaliação externa ao PNL permitiu, de acordo com Costa et al (2008), vir a comprovar que os alunos desde o Pré-Escolar até ao 3º ciclo do ensino Básico estavam a ler mais. Uma das razões para este facto teve a ver com atividades de leitura orientada em sala de aula que, na opinião de Ramos (2010) permitiu aumentar as competências de leitura dos alunos e, em particular, aumentar a sua relação afetiva com os livros e o interesse pelos mesmos.

A par de iniciativas curriculares foram, como já foi referenciado, implementadas iniciativas em espaços não formais de ensino e de aprendizagem. A título de exemplo, pode referir-se a «Semana da Leitura» que envolveu mais de 1.400 escolas que incluíram atividades como dramatizações, encontros com escritores e ilustradores, feiras do livro e espetáculos.

Uma outra vertente inclui a apresentação de uma listagem de obras recomendadas pelo PNL que teve uma grande influência, dado que esses livros que eram vendidos ao público continham um selo com o logotipo do «PNL» que conferiam uma chancela de garantia de qualidade.

Ao mesmo tempo, foi criado um *website* com a marca «Ler⁺» onde eram publicitadas todas as iniciativas do PNL e todas as publicações em formato digital. É de referir e de assinalar que este *website* estava (e está) em constante atualização. No âmbito do PNL Ler⁺ foram editadas pelo Ministério da Educação várias brochuras com «Orientações para Atividades de Leitura – Programa: Está na Hora da Leitura» com um conjunto de propostas objetivas e com vários exemplos relacionados com a implementação das atividades de leitura e com a inclusão detalhada de fases e de etapas para a sua consecução (Ministério da Educação, 2007).

No espaço digital continua o *website* do PNL, que continua ativo até à presente data (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>), contém diversas áreas, as quais se passam a enumerar:

- Ler⁺ Escolas (em funcionamento em 2016): Faça lá um poema; Concurso Nacional de Leitura; Concurso Inês de Castro; Projeto Ler⁺ Jovem; Semana da Leitura 2016; Livros Falados; Conta-nos uma história; Projeto Ler⁺ Mar; Leituras d'Oriente e d'Occidente.
- Novas Leituras
- Ler⁺ em Família
- Adultos a Ler⁺ Mais
- Clube de Leitores
- + Teatro
- Voluntários de Leitura
- Ler⁺ dá Saúde
- Concursos e Passatempos
- Ler⁺ Estudos e Investigações
- Práticas de Programas de Leitura nos países da OCDE
- Caminho das Letras: Suportes e recursos de ensino e de aprendizagem multimédia
- Biblioteca de Livros Digitais (3/6 anos; 7/10 anos; 11/13 anos; 14/16 anos)

Como é fácil de verificar, o PNL continua a ter associado um vasto número de iniciativas e de atividades onde se conjugam objetivos relacionados com o desenvolvimento e o aprofundamento de competências para a Leitura, onde se enquadram variados atores, espaços e idades. Neste contexto, é também de realçar a variedade de recursos digitais, tendo as TIC um papel importante quer na difusão quer na disponibilização de variadíssimos recursos digitais multimédia.

Em jeito de conclusão, as TIC deverão ser sempre encaradas e utilizadas como ferramentas num processo que seja transdisciplinar, qualquer que seja a disciplina, área disciplinar ou área curricular não disciplinar. Neste sentido, no que diz respeito à promoção da leitura e das suas respetivas competências, as TIC serão sempre utilizadas numa perspetiva instrumental, entendidas como um suporte para os professores, no sentido de serem instrumentos de referência e de recursos materiais que se incluam nas planificações e consequentes concretizações em contexto educativo.

Deste modo, Tavares & Barbeiro (2011) afirmam também que as TIC serão sempre consideradas como ferramentas e, na já designada componente instrumental, podem acompanhar o desenvolvimento de competências instrumentais de natureza pedagógica e comunicativa, podendo também recriar o espaço de aula e, consequentemente, o espaço de aprendizagem.

Não obstante estas referências se terem tornado óbvias na atual sociedade digital, continua a haver, por parte do Ministério da Educação, recorrentes apelos para os professores usarem as TIC no sentido de se promover o acesso ao livro, estimulando e diversificando as atividades de leitura, assim como a informação sobre livros e respetivos autores (Ministério da Educação, 2007).

2 A LEITURA DIGITAL

Como afirma Ramos (2010), os resultados da investigação realizada acerca do PNL e o papel das TIC vieram demonstrar que são proporcionadas novas e diferentes formas de leitura, associando novos meios de recolha, seleção e de interpretação contida nos textos que as crianças leem em ambientes multimédia. Por essa razão, Ramos (2010) afirma ainda que ao serem especialmente atraentes para as crianças, as TIC podem ter vantagens quando conjugadas com atividades de leitura, aportando igualmente inovação no quadro de uma literacia multimodal, que leva à implementação de capacidades de leitura de diferentes textos e em diferentes suportes, separados, consecutivos ou em simultaneidade (Tavares & Barbeiro, 2008). Contudo, apesar da consensual opinião positiva Tavares & Barbeiro (2011, 29) para se utilizarem bem as TIC impõe-se que "(...) o leitor seja um bom leitor."

O hipertexto, por exemplo, veio fazer com que um texto 'simples' se tornasse num texto 'aberto' ou 'plural' que obriga a que cada leitor tenha que escolher e selecionar o seu percurso de leitura de entre diferentes 'subtextos' e os respetivos elos de ligação entre os mesmos e o 'texto global'. Esta associação entre o hipertexto e o hipermédia faz com que os textos se tornem 'mais fluídos' e com uma grande profusão de diferentes (e personalizados) 'itinerários de leitura'. Quer isto dizer que a leitura é realizada no ecrã do computador onde o texto é 'folheado', é 'sobrepuesto', é 'dispersado' por janelas múltiplas que se estendem por 'hiperligações externas e internas' onde cada leitor se torna responsável pelo seu 'trajeto de leitura'. Por essa razão, Tavares & Barbeiro (2011) reforçam a necessidade do leitor antecipar e de ir refletindo sobre o seu projeto de leitura por também considerarem que a leitura eletrónica se transforma numa atividade complexa que envolve várias ações e operações cognitivas.

Numa dimensão mais crítica e reflexiva, é importante não esquecer que os atuais alunos se movem em novos contextos. Neste âmbito, Rosnay (2006) chama aos atuais alunos 'crianças dos ecrãs' ou 'crianças pronetárias', dado que são alunos que passaram de uma forma muito rápida do 'mundo concreto' para o 'mundo virtual'. Neste 'mundo virtual', como é proposto por Johnson (2005), os alunos são 'polícronos', pela razão de se movimentarem de ecrã para ecrã e navegando, quase que em simultâneo, em espaços reais e em espaços virtuais, sendo, no entanto, nestes últimos onde mais passam o seu tempo e realizam as suas atividades.

Nesta nova realidade digital, como propõem Tavares & Barbeiro (2011) e Ramos (2010), são criadas condições para que o processo de leitura efetuado pelos alunos se possa distribuir em 3 diferentes tipos:

- a) Leitura em *zapping*: uma leitura rápida que tende a eliminar e a selecionar informação, muitas vezes movida por gostos pessoais, pela emoção e, maioritariamente, pelo acaso, que se transforma numa leitura de carácter aleatório.
- b) Leitura seletiva: uma associação direta com um dado projeto de leitura onde se procura uma informação específica ou uma leitura que pode aprofundar ou complementar um dado aspeto.
- c) Leitura extensiva ou em profundidade: um tipo de leitura que tem como principal objetivo aprofundar uma dada informação mas que exige disponibilidade de tempo por parte do leitor.

Num contexto digital, seja qual for a tipologia associada, é importante ter-se em consideração a opinião de Rouet (2001) de a leitura em suporte digital estar associada ao fenómeno de 'sobrecarga cognitiva' pela razão de em frações de tempo muito reduzidas o leitor ter que tomar várias decisões relacionadas com a leitura a efetuar através de uma grande variedade de opções que lhe são disponibilizadas. A potencial desorientação que pode surgir não terá apenas como fator o suporte hipermédia, mas dificuldades dos alunos em serem capazes de

identificar marcas e categorias discursivas. É neste contexto que Tavares & Barbeiro (2011) referem a necessidade de os alunos possuírem também um conjunto de competências discursivas que lhes permitam uma leitura adequada dos suportes de texto em formato hipermédia.

Ao comparar um contexto analógico e um contexto digital, Silveira (2014, 5) refere que o “(...) desafio não esteja na leitura em si porque o processo de ativação do cérebro para o ato leitor parece ser invariável, mas sim na forma como a mediação da leitura está a responder aos estímulos do cenário digital.”

O mediador de leitura não ministra competências de leitura, antes deve ser um agente que faça o seu reforço, criando-se culturas leitoras onde possa prevalecer uma cultura extensiva da leitura e não apenas uma leitura que assente na pontualidade e na utilidade. Para isso é necessário que a leitura corresponda “(...) a um discurso, a um percurso, a um recurso e a um incurso” (Silveira, 2014, 9). Ainda para Silveira (2014), a criação de uma cultura deve incluir 4 sinergias:

- a unidade; entender a leitura como um fenómeno e ato social. A leitura deve estar enquadrada numa dada comunidade educativa para que todos se sintam contagiados em torno dela;
- a homogeneidade: entende-se que as ações de leitura façam uma aproximação democrática e plural junto dos indivíduos para que se possa conduzir a uma uniformização da atitude face à leitura;
- a longevidade: criar contextos para que durante todo o percurso escolar os alunos possam viver sob uma cultura de leitura em todos os níveis de escolaridade e sem qualquer tipo de constrangimento ou limitação;
- a simplicidade: tornar a leitura como um processo simples onde a operacionalização da cultura de leitura seja feita de forma voluntária e espontânea no seio da respetiva comunidade educativa.

Neste sentido, a Escola terá que ensinar os alunos a adotar diferentes percursos e de os dotar de competências que os levem a serem capazes de procederem a contextualizações e a interpretações, mobilizando processos interativos de leitura.

Em Portugal a conjugação de programas nacionais e/ou iniciativas quer no âmbito da Língua Portuguesa (em particular a Leitura) e nas TIC, permitiram que várias gerações e alunos, até aos atuais, tenham vivenciado esta articulação que tem vindo a permitir promover competências de leitura onde se tem incluído competências digitais articuladas e proativas.

2 O QUE NOS DIZEM OS *FOCUS GROUPS* E AS PRÁTICAS SOBRE A WEB 2.0 E A LEITURA

A mobilização dos processos interativos de leitura é um dos aspetos cruciais da relação prática entre a utilização das ferramentas WEB 2.0 e a prática multimodal da leitura. No âmbito do desenvolvimento do Projeto Lire 2.0, a aproximação ao conhecimento da realidade e dos contextos práticos de leitura faz-se por diferentes vias de análise de boas práticas e caracterização contextual, assumindo papel de destaque a utilização da técnica de investigação de recolha de dados através de grupo de discussão (Focus Group).

Do ponto de vista técnico-metodológico, definimos com grupos alvo os estudantes e os professores, por considerarmos que representam nesta fase os elementos centrais do sistema relacional de aproximação às práticas de inovação em leitura. A construção dos instrumentos seguiu o processo metodológico desta técnica focus group e assumiu a forma de entrevista semiestruturada como se pode ver no quadro 2.

Quadro2 - Semi-structured guide for focus group

Note: This is a semi-structured guide, to provide direction and guidance as to the topics that need to be covered during the focus group. The list of question is definitely not exhaustive; feel free to add questions as you see fit or as the conversation unfolds, as long as the thematic areas are covered.

<i>Teachers</i>	<i>Students</i>
<p>1. Based on your experience, how do young people spend their free time? Do they like to read for pleasure/fun?</p> <p>2. Do you feel that some young people have difficulties in reading? If yes, who would that be? Why do they have such difficulties, in your opinion?</p> <p>3. What types of texts do young people read? What genres (comics, action, drama, horror, novel, etc.)? Could you give a classification of categories that young people prefer?</p> <p>4. As teachers, do you help the students choose reading material of their interest? Do you suggest to them specific texts to read? If yes, what criteria do you use to choose these texts? If no, why?</p> <p>5. Is there a library in your classroom? If yes: What types of texts are included in the library (books, magazines, newspapers, only printed material, etc.)? Are you satisfied with the collection of books and other texts that it carries? How do you use the library in your classroom? Why do you use it as such? How do the students use the library in your classroom? How do the students feel about the classroom library? If no: Why? Would you like to have a library in your classroom? How would you envision it being used? What types of texts would it carry?</p> <p>6. Is there a library at the school? If yes: What kind of books are there? Are there any other reading materials - hard copy or digital? Who is responsible for choosing the books and how? How do you use the school library? Why? How do your colleagues use the school library? How do the students use the school library and why? If no: Why isn't there a library at the school? Would you like to have a library at school? Why? How would you use the library? What kinds of texts would you choose?</p> <p>7. Do you give students time in class to read for their own pleasure? If yes: How much time do they have? What kind of reading materials do they use (do they own these materials)? Do you use printed or digital material? What is your rationale behind offering this activity in class? If no: Why? Would you like to try this? What would you need or what could be done to change this? How would your students react to this, in your opinion?</p> <p>8. How could you encourage reading for pleasure?</p> <p>9. In your opinion, which factors prevent young people from reading books or other reading materials? How could these be improved? What could be done to motivate young people to read more in their free time?</p> <p>10. How does the Ministry of Education promote reading for young people? What could be done to improve this?</p> <p>11. Do the national curricula include reading promotion? If yes, please provide specific examples. If no, how do you feel about that and what would you suggest?</p>	<p>1. How do you spend your free time? What is your favourite leisure activity? Do you like to read books in your free time?</p> <p>2. What kinds of books do you like to read? What kinds of other texts do you read?</p> <p>3. What specific features do you look for in a text in order to buy or borrow it (specific heroes, animals, kids, images etc.)?</p> <p>4. How many books do you read each year?</p> <p>5. How often do you visit a bookshop or a library? Where do you prefer to buy or borrow books?</p> <p>6. Do you have a library in your classroom/school? If yes, how do you use it? If no, why? Would you like to have one?</p> <p>7. Do your teachers suggest books to read? If yes, are they part of the curriculum or not?</p> <p>8. Do you discuss the books that you read with your classmates? Would you recommend the books that you read to others? Do your friends recommend books to you?</p> <p>9. How do you choose a book from the bookstore or library (e.g. content, easy to read, illustrations, short or long stories etc.)?</p> <p>10. Where do you like reading books (home, school, library, park etc.)?</p> <p>11. Do you have books at home? What kinds of books? What genres? What other kinds of texts do you have at home?</p> <p>12. Do your parents encourage you to read books? How?</p> <p>13. Do you read printed or digital books? Why?</p> <p>14. Are you interested in digital books or books enriched with audio and images? Yes / No and why? Do you use such books? If no, why? If yes, how/where/when/how often?</p> <p>15. Do you use e-readers or e-books? If no, why? If yes, how/where/when/how often? Please provide specific examples.</p> <p>16. Do you use any technology or any online tools in your reading? Do you use any social networks to find information about reading or to share information about reading? If no, why? If yes, how/where/when/how often? Please provide specific examples.</p> <p>17. Do you encounter any difficulties that minimize how much you read?</p> <p>18. Do you encounter any difficulties or challenges in using technology and Web 2.0 tools for reading? How do you resolve them?</p>

<p>12. Do you cooperate with other colleagues to promote reading? If yes, how? If no, why? Do you have a plan for promoting reading as a school?</p> <p>13. How do you involve parents and the wider community in promoting reading? How could this be improved?</p> <p>14. How do you get informed about modern reading promotion methods for young people?</p> <p>15. Do you use ICT, or any technological tool, or any new technologies, or any Web 2.0 tools to promote reading? If yes: Why? How do you use these tools? Please provide specific examples of ICT or Web 2.0 tools and what you do with those. If no: Why? Would you be interested in trying that?</p> <p>16. Do you use e-readers or e-books in your teaching? If yes, how? If no, why?</p> <p>17. Are there any challenges in using ICT and Web 2.0 tools for reading, in your opinion? If yes, which are these? How could they be resolved?</p> <p>18. Are there any further/additional comments?</p>	
--	--

Quando nos aproximamos ao resultado da opinião expressa em cada um dos grupos de discussão (estudantes e professores), emergem de imediato, enquanto elementos centrais de confluência e de aproximação à leitura com recurso às ferramentas WEB 2.0, a biblioteca escolar e a figura do professor bibliotecário. Estes são referidos pelos dois grupos como eixos de desenvolvimento com potencial de eficácia para estabelecer pontes que favorecem o aparecimento da inovação na leitura praticada em contexto de sala de aula, na própria biblioteca e a nível autónomo. Este aspeto que pragmatiza o ideal que a American Association of School Librarians (AAL, 2009)) vem defendendo ao longo dos anos e segundo o qual o desenvolvimento das competências necessárias a um cidadão do Séc. XXI passa pela criação e formação de leitores críticos e hábeis na pesquisa e tratamento da informação que lhes possibilite o investimento na sua própria aprendizagem.

Na perspetiva dos estudantes, a leitura deixou de ser constituída apenas por textos escritos em forma de livros, jornais ou revistas e passou a ser encarada como uma unidade de comunicação com diferentes formas de expressão, de entre as quais, o vídeo, a imagem, um discurso e a interação em tempo real. Neste sentido, defendem que as atividades de leitura deverão incluir obrigatoriamente os contextos digitais das ferramentas WEB 2.0 e outros similares. Esta perspetiva dos estudantes remete-nos para a pragmatização do conceito de Nativos Digitais defendido por Prensky (2001) ou para os Millenials na designação de Henri & Asselin (2005). É curioso verificar que ao referirem-se às suas formas de envolvimento com a leitura o fazem desprezando completamente o carácter tecnológico dos tablets, dos computadores e outros artefactos tecnológicos como os jogos vídeo, os leitores de música digital ou as câmaras Web, encaram-nos como dispositivos que fazem parte das suas vidas para realizarem as normais atividades do quotidiano, incluindo a leitura recreativa à qual atribuem grande destaque. O carácter recreativo da leitura e um maior afastamento dos contextos escolares padronizados e da leitura por obrigação configuram na opinião dos estudantes a grande via de acesso à criação e ao enraizamento de hábitos de leitura, independentemente dos suportes dessa mesma leitura.

Na perspetiva dos professores, assistimos a uma defesa da leitura digital, mas fechada no estigma do ler para adquirir conhecimento e do desenvolvimento das competências literácitas e literárias. Todas as iniciativas que relatam apresentam como finalidade primeira o aproximar os estudantes, enquanto leitores, ao texto e à operacionalização de forma sistemática de estratégias para promover a leitura literária. Para esta aproximação podem concorrer diversas técnicas de animação de leitura que elencam (leitura orientada, leitura autónoma, projetos de interação com a biblioteca escolar) que garantem ter efeito positivo, considerando que em contexto escolar o espaço biblioteca é, por excelência, o espaço a privilegiar para a dinamização das mesmas. A forte preocupação com as questões do desenvolvimento literácito dos estudantes, marca constante do discurso deste grupo, conduz a que as formas de operacionalização e de utilização das ferramentas da web 2.0 seja equacionada enquanto meio complementar de promoção da leitura e não tanto enquanto estratégia de leitura.

4 FUTURO DO PROJETO E O APOIO À PROMOÇÃO DA LEITURA ENTRE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS

O projeto europeu LiRe2.0 tem por objetivos um levantamento de boas práticas no âmbito da leitura a partir de ferramentas da web 2.0, bem como de inovações didático-pedagógicas e orientações que possam apoiar e sustentar um uso continuado e consolidado das TIC na leitura e promover comunidades de leitura de modo a combater os baixos níveis de literacia entre alunos em risco de abandono ou insucesso escolar.

O projeto desmonta a ideia generalizada que a tecnologia é inimiga da leitura. LiRe 2.0 assenta na ideia diametralmente oposta: que as atividades formais e não formais de leitura e de aprendizagem baseadas em usos inovadores de TIC e em práticas educacionais abertas são importantes para o desenvolvimento das atitudes das pessoas perante a leitura, o seu envolvimento na leitura e o desenvolvimento de competências de leitura, sobretudo no caso de leitores relutantes ou que se colocam à margem da leitura.

A investigação levada a cabo nos vários países que integram o projeto, e que compreendeu uma revisão de literatura e de boas práticas, bem como entrevistas em *focus group* a jovens, salienta a necessidade de promover a leitura a partir de projetos, de aprendizagens fora da escola e informais, com recurso às tecnologias móveis, aos tablets, à imagem da banda desenhada e à banda desenhada interativa, aos média sociais, ao contar de histórias digital e à interação com cientistas por meio de parcerias entre estes e a escola.

Os dados recolhidos relevam igualmente a necessidade de empoderar todos aqueles que usam práticas e recursos educativos inovadores baseadas em TIC para promover atitudes de leitura entre as pessoas, o seu envolvimento na leitura e as competências leitoras e a necessidade igualmente sentida de inspirar, orientar e facilitar a criação de culturas e comunidades de leitura por meio das tecnologias Web 2.0.

Neste sentido, o projeto LiRe 2.0 pode oferecer aos educadores interessados:

- Um corpo de conhecimento sobre leitura e TIC (web 2.0) que dá ênfase à promoção da leitura que é eficaz entre os jovens e revê analiticamente uma série de ferramentas digitais disponibilizadas para promover a leitura (*Relatório de investigação LiRe 2.0*);
- Um conjunto de orientações práticas que inspiram, guiam e facilitam a criação de comunidades de leitura entre os adolescentes e os pré-adolescentes por meio de tecnologias web 2.0 e outras formas sociais de leitura, como o 'book talking'. Os recursos e materiais são disponibilizados num portal interativo (<http://www.lifelongreaders.org>).
- Uma revisão de relatórios de investigação sobre projetos e programas de promoção da leitura por meio de TIC que dão origem a uma lista de sugestões de atividades sobre promoção da leitura entre os jovens dos 10 aos 18 anos e que relevam o uso inovador de práticas e recursos educativos com TIC para afetar favoravelmente as atitudes das pessoas perante a leitura.
- Um *Guia LiRe 2.0 (Toolkit)* com sugestões sobre abordagens e métodos inovadores, um conjunto de aplicações com sugestões de como as usar para promover a leitura, bem como sugestões de integração curricular dessas aplicações e projetos de promoção de leitura. Inclui também cenários e atividades de aprendizagem para auxiliar na toma de decisões para implementar iniciativas 1:1 na escola e na introdução de tablets na escola; bem como dicas sobre a promoção de um ambiente de aprendizagem seguro a partir da investigação dos hábitos das crianças relativamente às ferramentas móveis; além de divulgar diversos modos de a tecnologia encorajar a leitura por prazer e a leitura envolvida, em diversos contextos e para diversos leitores (pré-adolescentes, adolescentes, estudantes universitários e adultos). O Guia compreende as seguintes secções:
 - Introdução à Promoção Eficaz da Leitura entre Crianças, Adolescentes e Adultos
 - Orientações sobre o Sucesso da Promoção da Leitura por meio de TIC
 - Revisão de Ferramentas Digitais que podem Apoiar a Leitura

- Ideias, Ações e Atividades que ligam TIC à Promoção da Leitura
- Recursos para a Promoção da Leitura por meio de TIC
- Um curso de formação contínua que reúne os resultados do projeto LiRe 2.0 com módulos de e-learning, objetos multimédia e avaliação interativa.
- Uma aplicação móvel para aceder a todo o material e recursos LiRe 2.0.

CONCLUSÕES

Até ao momento, os dados recolhidos permitem concluir que as boas práticas no âmbito da promoção da leitura com tecnologias web 2.0 incluem:

- Reforço da imagem e do papel da biblioteca de escola por meio de uma campanha web 2.0;
- Recurso a bibliotecas digitais gratuitas com acesso a todo o tipo de documentos (livros, imprensa, revistas, com imagem e com texto, documentos sonoros e iconográficos, mapas e planos); as bibliotecas são transformadas em centros multimédia;
- Individualização dos processos de leitura facilitada por programas digitais para leitores relutantes poderem construir um plano pessoal de leitura;
- Videoconferências e trocas frequentes de conteúdos com alunos e professores no estrangeiro; exemplo: Clubes do livro que trocam pequenos vídeos de recensões produzidos pelos alunos sobre o que leem;
- Bibliotecas itinerantes dos mais belos álbuns ilustrados em diversas línguas que atravessam diversos lugares da Europa, acompanhada de comentários em website;
- Criar conteúdos iconográficos online (exemplo: Web comics) de forma colaborativa;
- Criação de um laboratório de escrita e leitura online;
- Como usar ebook readers no ensino;
- Introdução de computadores pessoais, telemóveis, Wi-Fi, manuais digitais e ambientes de aprendizagem virtual;
- Exemplificações de como integrar a tecnologia no ensino/aprendizagem da escola inteira,
- Exemplos de como os professores podem colaborar entre si para auxiliar os alunos na produção de conteúdos de acordo com estilos de aprendizagem;

REFERÊNCIAS

Alçada, I. (Coord), Calçada, T., Martins, J., Madureira, A. & Lorena, A. (2006). *Plano Nacional de Leitura – Relatório Síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.

American Association of School Librarians. (2009). *Empowering learners: Guidelines for school library media programs*. Chicago: Illinois.

Costa, A. Pegado, E. & Viseu, S. (2008). *Avaliação do Plano Nacional de Leitura*. Acedido em 22 de dezembro de 2015: www.gepe.min-edu.pt/?newsId=364&fileName=avaliacao.pnl.pt

Henri, J. & Asselin, M. (Eds.) (2005). Introduction and context. In J. Henri, & M. Asselin, *Leadership issues in the information literate school community* (pp. 19). Westport, Connecticut. London: Libraries Unlimited.

INE (2014). *Inquérito à utilização ds Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2012*. Lisboa: INE – Instituto Nacional de Estatística.

- Johnson, S. (2005). *Tudo o que faz bem*. Porto: ASA Editores.
- Ministério da Educação (2007). *Orientações para Actividades de Leitura: Programa - Está na Hora da Leitura*. Lisboa: Ministério da Educação.
- OECD (2014). *PISA 2012 Results in Focus – What 15-year-olds know and what they can do with what they know*. Paris: OECD Publishing.
- OECD (2015). *Students, Computers and Learning – Making the connection*. Paris: OECD Publishing.
- Pereira, S. & Pereira, L. (2011). Políticas tecnológicas educativas em Portugal: do Projeto Minerva à iniciativa e-Escolinha. *Atas do Congresso Nacional “Literacia, Média e Cidadania”* (pp. 157-168). ISBN 978-989-97244-1-9. Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Prensky, M. (2004). The emerging online life of the digital native: What they do differently because of technology and how they do it. 1-14. Acedido em 12 de agosto de 2016 em http://www.marcprensky.com/writing/PrenskyThe_Emerging_online_life_of_the_digital_native03.pdf
- Ramos, I. (2010). O PNL e as TIC: Efeitos na relação dos alunos com a Leitura. *Tese de Dissertação de Mestrado em Multimédia em Educação*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Rosnay, J. (2006). *La révolte du prolétariat*. Paris: Fayard.
- Rouet, J. (2001). *Les Activités Documentaires Complexes – Aspects Cognitifs et Développementaux*. Acedido em 22 de dezembro de 2015: <http://tecfa.unige.ch/tecfa/teaching/uv39/papiers/HA-Rouet2001.pdf>.
- Silveira, T. (2014). O eu falta na atual mediação da leitura? *PÁGINAS a&b*. S.3, 1 pp. 03-13.
- Tavares, C. & Barbeiro, L. (2008). TIC: implicações e potencialidades para a leitura e escrita. *Intercompreensão*, 14, pp. 129-157.
- Tavares, C. & Barbeiro, L. (2011). *PNEP - As implicações das TIC no Ensino da Língua*. Lisboa: Ministério da Educação-DGIDC.

Esta publicação foi possível graças ao apoio do programa Erasmus+ e no quadro do projeto LIRE2.0 com o número 2015-1-IE01-KA201-008625.

